

PROPRIETÁRIO  
Clube Cult. e Rec. de Carapito



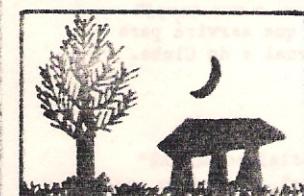
SEDE  
Carapito - Aguiar da Beira

DIRECTOR

Francisco Paixão da Cruz

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

R. Maj. Caldas Xavier  
Lte A 1º A 2675 ODIVELAS



PORTE  
PAGO

# CARUSPINUS

## O jornal de Carapito

215 EXEMPLARES

ANO 5

50\$00

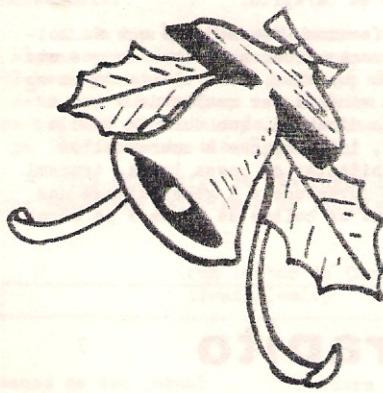
IMPRESSÃO: REPROGRAFEX Largo do Vilarealense  
5000 VILA REAL

DEZEMBRO 84 Nº 29

BIMESTRAL

### NOITE DE NATAL

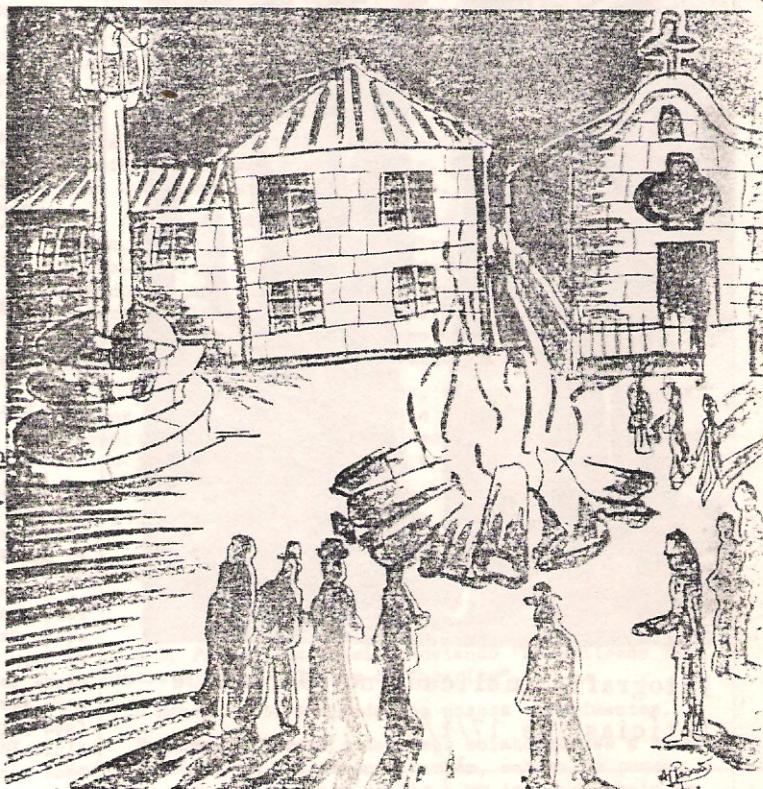
Corria descalço pelas ruas e vielas em procura dum brinquedo, dum boneco ou avião que o transportasse em seu sonho de criança à alegria de viver num mundo bem diferente. Mas à porta das casas, nos muros dos pátios e quintas, debaixo dos cabanais havia apenas montes de lenha. Arrancava dum cepo, pesado como chumbo, ajudado por outras rufias, malandretes como ele e derreava os ombros até à "boca" da Praça, onde, primeiro a medo e depois estrondosamente largavam gritando: — "Ó cepo, ó CEPON! E vai de raspar-se, não estivesse por perto o fogo da lenha, aquecendo-se no brasão que inundava em clarão o centro do recinto, projectando raios de luz e sombras pelo chão e no granito cinzento das paredes.



Já tinhas ido à Revolta e à Confraria com os carros de bois. "Caracás! Era cada cepo! Um montão deles como em ano nenhum...!" Jogou ao pico-dois-três, à espada-lua, ao coque... toda a tarde numa roda viva.

Em conta dos seus recaditos a vizinha, a Ti'Ana, levava lá a casa, por ser o dia que era, umas batatinhas cozidas com um fio de bacalhau, um pedaço de broa, uma sopita para a mãe; há meses que não fazia nada; e até umas filhos. Filhos com açúcar que eram um regalo! Para dizer a verdade, havia meses, se calhar anos, que não tinha comido assim. Até voltou para a Praça a assobiar.

Ofereceram-lhe e bebeu do garrafão que rodava à volta da fogueira e ouviu histórias e anedotas dos mais velhos. Altas horas, sentado-se nos degraus do pelourinho. Os olhos ficavam



-lhe presos na imensa claridade do braceiro, nas chamas, nas faíulas que subiam, volteando sem fim, como os seus desejos, cerroceis de coisas que não tinha: — Entristecia, não pelo presente bonito, as batatas com bacalhau, nem mesmo as doces filhos. E não achava que a vida fosse tão má, assim como escutava dos mais velhos. Ah!... Se a mãe se achasse melhor, saísse da cama. E o pai?... Porque seria que nunca mais veio? Porque os deixara e tão pobres? A mãe contava-lhe histórias fantásticas, já passadas há muito, que até pareciam nem existir! Nunca houve um recado de lá de longe, uma carta, uma letra branca. Oh! Como seria bom ter o seu pai!

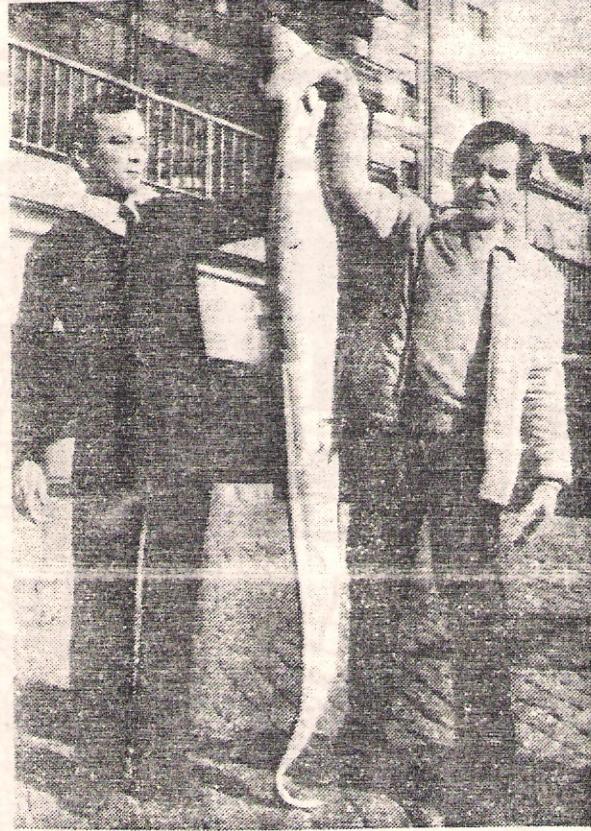
No garoto brilhavam estrelas cintilantes que subiam nas farândolas do lumareú, indo alto num redemoinho enovelado, brilhante e ofuscado de fumo negro, quais anseios justos e inocentes que ninguém distinguia na escuridão da noite.

Vaga e silenciosa, a neve caía agora, brandamente como em imenso desejo de uniformizar o mundo. Eravam horas, mais que tempo de já estar no seu casebre. As brincadeiras acabaram, os amigos na cama: regressar era o destino. Retornar à amargura da doença, à frieza da lareira,

Cont. na Pág. 3

Conforme tínhamos prometido no último número aqui fica a fotografia (com a qualidade possível) e a notícia.

O nosso assinante e grande amigo de Carapito, Sr. António Ferreira Roque, residente na cidade do Porto, pescou um congro com - imaginem! - vinte e quatro quilos de peso. O Sr. Roque, pescador nas horas livres, já com muitos anos de experiência na pesca à linha, bem se pode orgulhar. Com ele fica também orgulhoso o Caruspinus e o seu feito será uma admiração para todos quantos o conhecem. Esta fica para a história deste nosso amigo. Os nossos parabéns.



Fotografia publicada no "Jornal de Notícias" de 17/1/84

#### COLABORAÇÃO

Infelizmente, não nos é possível inserir neste número toda a colaboração que recebemos dos nossos leitores e amigos, que - temos de dizer-lhe, com agrado - foram extraordinários. Continuamos à espera das vossas poesias, dos vossos textos em prosa, das vossas cartas, das críticas. Mandem.

Entre os que nos enviaram colaboração, conta-se mais uma vez o nosso estimado conterrâneo António Morgado, que enviou "um voto de agradecimento, a quantos colaboraram ou têm colaborado para que o nosso jornal seja uma realidade". É verdade, amigo. O jornal é nosso. Nós agradecemos a colaboração dos nossos leitores e amigos.

É nossa obrigação publicar o que nos é enviado.

**BOAS  
FESTAS  
FELIZ 1985**

# DONATIVOS

Aqui deixamos a lista dos nossos leitores e amigos que ofereceram donativos para o Jornal e para o Clube, durante o Verão e, nomeadamente na Festa do Clube. Pedimos desculpa se nos escapou alguém.

A todos agradecemos este contributo que servirá para engrandecer a nossa terra através do Jornal e do Clube.

Valdemar Leitão  
Agostinho Caseiro Garcia  
Luís Nunes de Campos  
António dos Santos  
Manoel Caseiro  
João CRUZ

- César Augusto Baptista
- Miquelina Andrade Baptista
- Manuel Anjos (UCAL)
- Avelino Gomes Lopes
- Rogério Ribeiro da Silva
  
- César Baltazar
- Joaquim Valdemar C. Andrade
- Alfredo Fernandes
- Fernando Caetano
- Francelinha Amélia Caseiro Marques
- António Augusto da Fonseca.

# ELEIÇÕES

No próximo mês de Janeiro, vão realizar-se mais uma vez eleições para os órgãos administrativos do CCRC.

Infelizmente, nesta altura, ainda não nos é possível indicar as listas concorrentes. Deste modo, no dia que vier a ser marcado para a efectivação do acto, apenas poderão tomar parte os sócios que tiverem as quotas em dia e que se encontram em Carapito.

Os votos que fazemos, desde já, é que as coisas, a nível do clube, começam a correr melhor do que até aqui. Oxalá que a Direcção que vier a ser eleita dê um novo impulso à obra que tem vindo a ser realizada e que o clube seja uma organização dinâmica, que durante todo o ano, sem quaisquer hiatos, interrupções e sobressaltos faça parte da vida dos habitantes da nossa terra, transmitindo-lhes a força da sua juventude e a generosidade dos seus sócios que desejam que as coisas se façam e as obras apareçam. Oxalá.

**carapito**

**CONTA CONTIGO!!**

#### DISCO DE FERNANDO ANTÓNIO

Fernando António, natural da Muragata, casado com a filha mais velha do nosso assinante e amigo Ernesto Dias dos Santos, portanto um Carapitense por adopção, editou um disco no Verão passado.

As canções foram enviadas ao último festival da R.T.P. e têm por título "Canto à Esperança" e "Porquê, Amor?". O Fernando António é realmente uma esperança para nós também que já tivemos oportunidade de comprar o seu disco e escutar as suas canções.

Os nossos parabéns e os votos fervorosos de que este trabalho tenha seguimento.

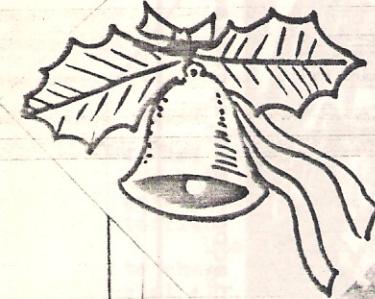


FOTO de AFONSO TENREIRO

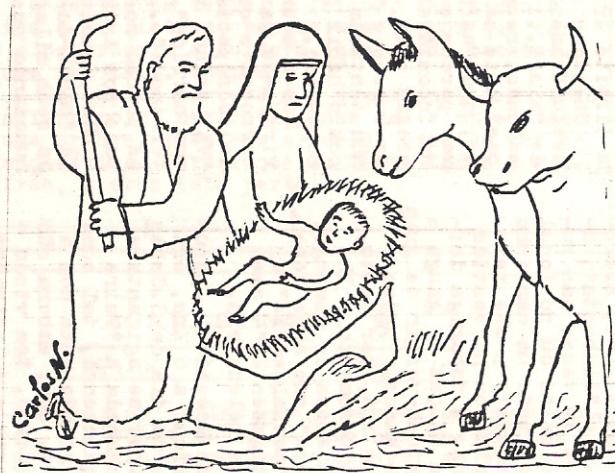


LONGAS VIDAS - A sr<sup>a</sup>. Maria do Tio Zé Lopes (90 anos - a mulher mais idosa de Carapito) e a sr<sup>a</sup>. Emilia Caseiro (76 anos) a quem o "CARUSPINUS" deseja muito tempo de vida.



## ★ NATAL TODOS OS DIAS ★

NATAL - palavra sublime que nos faz meditar e recuar no tempo em que nasceu JESUS, Aquele MENINO que saiu do ventre da MÃE e teve como berço uma manjedoura, rodeado e bafejado por animais e que viria a ser na TERRA o MENSAGEIRO de DEUS junto dos homens. Uma tarefa tão difícil que lhe custou a própria VIDA!...



Terão os homens de hoje os mesmos defeitos dos de outrora? Seriam eles capazes de matar uma pessoa como JESUS CRISTO, que tudo sacrificou para lhes indicar o caminho do BEM, o caminho da GLÓRIA?

Infelizmente, temos de acreditar que sim. O HOMEM pouco melhorou os seus instintos e disso tem dado sobejas provas.

Apesar de tudo, em todas as épocas, o DIA do NASCIMENTO DE JESUS parece adoçar o coração dos homens, tornando-os nesta QUADRA NATALICIA menos egoístas e mais humanos.

Dessa HUMANIDADE esperamos que todos os doentes e desprotegidos sintam à sua volta calor, compreensão e ternura.

Que em nenhuma mesa falte o pão; que todas as crianças se sintam verdadeiramente felizes, vestam roupinhas novas, comam as tradicionais guloseimas e tenham no sapatinho o brinquedo que mais desejaram.

Só assim, praticando o BEM - não só no NATAL mas em todos os dias do ANO - seremos merecedores dos enormes sacrifícios que JESUS fez para nos salvar...

J. MARTINS MOÇO

Cont. da Pág. 1

## ★ NATAL

ao naco esfomeado de pão, contudo à esperança, apesar da noite gelada e sem estrelas.

No ceço cantavam-se agora louvores ao Menino. Meteu pela quelha acima, os farrapos brancos alargavam-se e caíam como penas de galinha branca, enregelando os pés nus, marcados de vermelho, de dor e sofrimento na brancura da calçada.

— "À sa bença, nha mãe!"

— "Deus tiabençoe, meu filho!"

Dois beijos entre duas lágrimas. Caiu na enxerga e por momentos pensou nas prendas dos meninos de papá e mamã, em todas as coisas boas que ele não poderia ter. Um dia quando o pai voltasse... Depois os queixumes da mãe extinguiram-se na distância, misturados com o toque dos sinos... e os pés doridos não lhe doíam já, pois tinha adormecido, sonhando outra Noite de Natal.

TO-ZÉ PAIXÃO

## AS NOSSAS FEIRAS... AS NOSSAS ROMARIAS...

CRÓNICA DE  
AFONSO TENREIRO \*

Nesta Lisboa distante e com o de-  
correr dos anos, a saudade de acon-  
tecimentos que mais marcaram a nos-  
sa infância, levou-nos a pensar nu-  
ma crónica sobre as nossas feiras  
e romarias de há 40 ou 50 anos a-  
trás.

Hoje, com estradas de alcatrão  
e o automóvel mais generalizado, de-  
pressa se efectuam as viagens a  
Trancoso, Aguiar ou Mosteiro. Os  
carros de bois e as duas pernas ra-  
gem da estrela ou os caminhos por  
atálhos, motivo por que já se vai  
para essas terras depois do nascer-  
-do-Sol e ainda se pode vir almoçar  
a casa.

No mercado, sempre a correr, com-  
prar-se o carapau, a carne de porco,  
as morcelas, o pão "espanhol" e a  
fruta, regateando o prego aqui, de-  
sistindo acolá, pois o queixume é o  
mesmo de sempre: "está tudo pela ho-  
ra da morte"!... Nos talhos, sobre-  
tudo o emigrante e o "lisboeta", a-  
tiram-se aos bifes de vaca; nas ru-  
as principais das vilas ou no local  
da feira a criança pede um carrinho  
ou uma boneca, enquanto a mãe mexe  
na camisola de malha ou no vestido  
pendurado na corda; a rapariga dei-  
ta um olhar pelas calças de ganga e  
o rapaz, no pronto-a-vestir de gran-  
des camionetas fechadas, prova o  
fato completo, que irá, por certo,  
estrear no dia do casamento e lhe  
irá dar para ir à missa de domingo,  
se passando "a cote" uns anos depois.  
Mas deixamos os "actualmente"s - como  
passemos aos "antigamente"s - como  
diria o Odoríaco da telenovela.

AS FEIRAS - A mais acessível e popu-  
lar, talvez por ficar a 6 Kms, era  
a Feira Nova, que no dia de S. Sebas-  
tião (20 de Janeiro) se agigantava  
a pontos de ser chamada a "Feira  
dos Vinte". Era quinzenal, tal como  
a de Fornos, alterando esta com a  
de Aguiar da Beira, que, embora não  
segundo nos consta - a destronar

a Feira Nova, já que se situa na se-  
de do concelho e os feirantes e vi-  
sitan tes têm outras exigências, co-  
mo supermercados, cafés, lojas de  
material de construção, mobiliário  
e electrodomésticos.

Mas, se Carapito tinha a sua  
feira anual (S. Pedro de Verona),  
Trancoso, com o seu mercado sema-  
nal, aos sábados, era o expoente  
máximo em matéria de negócios e  
diversão. Dir-se-ia que as perso-  
as para serem importantes teriam  
que conhecer, na altura do S. Bar-  
tolomeu, a histórica vila, onde  
D. Dinis casou com a Rainha Santa  
Isabel.

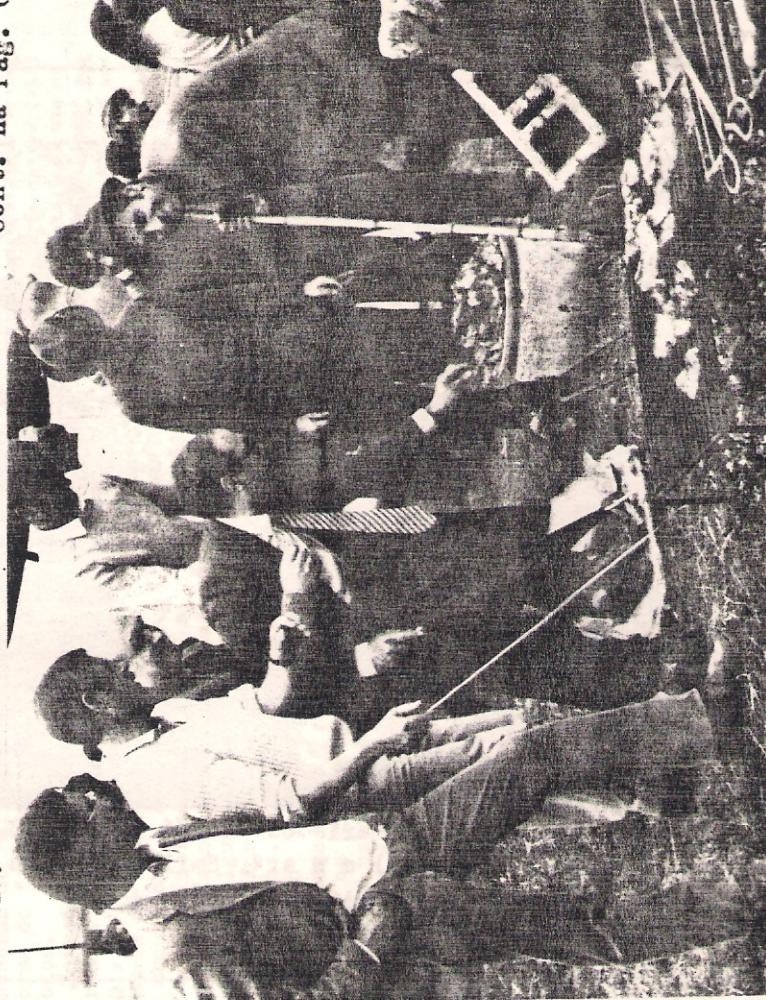
Ao romper da aurora, já estava  
tudo a pé. Iria iniciar-se a longa  
caminhada através da Serra do  
Pisco. Quando o astro-rei despon-  
tava no horizonte, do talefe ja-  
se avistavam as muralhas do Cas-  
telho dos Templários. A descer e  
a direito era um instantinho...  
Chegados ao Local da feira, o  
deslumbramento quase nos impedia  
de falar!... Melões aos montes,  
calçado, roupas, vidrarias e loi-  
gas; mas ao fundo, a feira do ga-  
do, onde as camionetas descarrile-  
vam porcos e ovelhas; noutra zo-  
na, incontáveis juntas de vacas  
presas pela corda; mais ao lado,  
os burros e "machos" que os ciça-  
nos tentavam vender ou comprar  
com o hábil palavreado de todos  
conhecido.

Mas a atenção dos mais jovens  
virava-se para o pogo da morte,  
carrocei e carros eléctricos, onde  
se repetia a breve espaço:  
"Vai andar, vai andar..." Mais  
uma corrida!... E lá se esfumavam  
as poucas moedas que os nossos  
pais nos davam para a paródia...  
Mas, igualmente, os vendedores  
de "banda-da-cobra", apregoando  
os seus milagres, produtos e an-  
unciando que a "bichinha" esta-

va dentro da mala de cartão, nos  
retiam por longo tempo.

Entretanto, chegava a hora de  
jantar. Nas barracas, à sombra  
de árvores frondosas ou de toldos,  
as fogueiras multiplicavam-se. A  
"marça" na frigideira; a sardinha  
e as febras na brasa emprestavam  
um cheirinho divinal ao local, vin-  
do o trigo e a pinga do barril  
ajudar a matar a "tarica" dos fei-  
rantes e foliões.

Em nova passagem pelo mercado, lá  
continuávamos a ver galinhas e co-  
elhos nos cestos; o queijo envolto  
em alvos panos de linho, a espera  
que o seu valor subisse e desse  
para comprar umas tamancas, uns  
brincos, uns metros de riscado ou  
para aviar uma receita na farmá-  
cia.



Na feira do gado, bovinos, por-  
cos e ovelhas lá iam mudando de  
dono, já que os negociantes ti-  
nham tido ajuda dos "missereiros".  
Nessa altura, por 6 ou 7 contos  
comprava-se uma boa junta de va-  
cas. Hoje, uma pequena vitela cus-  
ta 40 ou 50 contos!...  
Enfim, cada um à sua maneira  
ia gastando o seu tempo, enquanto  
o Sol deixava de abrassar dando lu-  
gar à frescura do entardecer.

Cont. na Pág. 6

As feiras de hoje (FOTO de AFONSO TENREIRO). As feiras de hoje (FOTO de AFONSO TENREIRO).

# CRÓNICA D'ANIE MAIS

Campo dos Mosqueiros, da Fraga, da Cabeça, do Rei Mouro ou d'outro campo qualquer.

O jogo começa na madrugada e vai prolongar-se por todo o dia, chuva, neve, frio, calor torrido, que interessa?

Uma vitória por um ou dois ao cair da noite chega para recompensar tanto esforço. Vitoria, sim! Ali, o empata não serve, é necessário jogar constantemente ao ataque, aliás, os tiros ao pelo contrário sucedem-se, se bem que, grande parte deles deixem penas, de perdiu evidentemente! Uns a rasar, outros na barra ou na orelha não chegam para que o adversário sucumba.

É bom de ver, aliás não são admitidos cegos, que uns rematadores são melhores que outros. Há aqueles que ganham todos os domingos e quintas-feiras, sim, a competição é árdua, o campeonato tem que ser jogado em pouco tempo e por isso a necessidade de realizar partidas (e que partidas!) a meio da semana, aproveitando ainda, os feriados, mas, dizia eu, que uns vencem todos os domingos e quintas, outros nem por isso.

Na lista dos melhores marcadores, Prédio Moderno distingue-se com bastantes tiros certeiros, uns com pelo, outros com penas, e até de ficecinho afiado e cauda comprida. Neste último caso, uma afronta aos da casa, obstando a que o seu símbolo máximo continue a povoar a região e a mostrar a agilidade, destreza e astúcia, apanágio dos que conseguem superar e são capazes de a por no dorso de madame de tacão alto ou d'alto lá cu'ela. A verdade é que, de pouco em pouco, o bicho vai sendo extinto e de há uns tempos pr'a cá, ultrapassado o furor inicial de a ver exposta em mastro bem alto, os seus iniciais apontes e admiradores vêm desde há tempos a deixá-la sem pelo e sem patas.

A ideia de lhe construir um covil foi óptima, toda a bicharada apoiou. Era necessário para a proteger e todos se abrigarem a seu lado. Teria café para à noite, não ter que sair a terreiro, salão de festas com palco e tudo, onde assistiria às récitas, ou daria bailes de orquestra convidados de cartola ou orelha alta. Lá estariam os coelhos, os pintos, não muito a seu gosto, preferia-os mais crescidos, os lobos e seus filhos, os senhorios e os caseiros, os reis, os carvalhos, não, castanheiros não, têm ouriços e picam. Haveria nascimentos e dias e dias, viriam do Sobral, da Barrenha, d'Aguiar, Ançadeas e Almeidas. E a menina felicidade quando fosse crescida dará banquete de casamento.

Mas também teria, a felina, assistência médica e biblioteca, porque nos tempos que correm é necessário a cultura, não só da batata... e quem não lê... chapéu!

Chapéu ou barrete é o que afinal tem vindo a enfiar, pois, nem covil, nem uma simples toca de uma arvore, plantada naqueles que iam ser os seus domínios. Parece que se vê ao longe a crucifixão, a cruz está perto!

## CONTO DE NATAL \*

### O MENINO POBRE E O MENINO RICO

Era uma vez um menino que adorava ter um aviôzinho... Ninguém gostava dele por ser pobre! Em todas as lojas por que passava, ao ver brinquedos, doces, ou roupas, pensava:

- Adorava ter este aviôzinho de brinquedo!

Mas, todos os ricos do bairro gozavam dele... O menino era órfão, mas vivia com um irmão mais velho.

No dia seguinte, na loja do costume, lá estava ele a "namorar" o aviôzinho!... Passou um menino, muito bem vestido, e perguntou-lhe:

- Querias ter esse aviô?

- Queria, mas é tão caro!... - respondeu-lhe o pobrezinho.

E pensar que ia dispor de uma suíte com casa de banho privativa pr'a bandas dos Mosqueiros! Pensou mudar pr'aí a sua residência aos domingos à tarde onde assistiria a espectáculos em sua honra, oferecidos pelos seus subditos, vestidos a rigor, com os quadradinhos de dar nas vistas. Mas, até esses espectáculos rarearam e durante todo o Verão, apenas aí deu duas ou três fugidas. No Outono nunca mais os viu, apesar de por lá passar algumas vezes nos seus passeios apressados a chumbo cinzento.

Ainda lhe ensinaram a defender-se e a atacar com vara de marmeleiro, mas os mestres não se aguentaram e o curso foi interrompido depois de uma viagem à capital do reino. Lá mostrou as suas habilidades aos parceiros que a estimam e fazem tudo por ela, acontecimento tão importante que botou jornal e tudo. (Não foi o da caserna).

No Verão deram-lhe fato sem mangas, vermelhinho que lhe ficava bem, com perna à mostra, e aí era rainha, quilómetros eram galinhas depenadas... Mas também como o churrasco, era bom mas acabou-se.

Pr'a contentar vai uma festa, praça pública, convidados, orquestra e luzes, mas sem tanto alumiar e bailes não são o seu forte.

Agora, só se têm lembrado dela para a inquietar e perturbar-lhe os passeios pelas redondezas. São os que a querem no peleiro e não no poleiro que a perseguem.

Será que vamos deixar que algum mal lhe aconteça?

Aqui, nestas folhas de papel, onde ela ainda vê o seu pelo brilhar, de um lustro inimitável, fica o apelo para a sua proteção e exaltação pois deve ser das nossas gentes!

ZÉ D'A BORLA

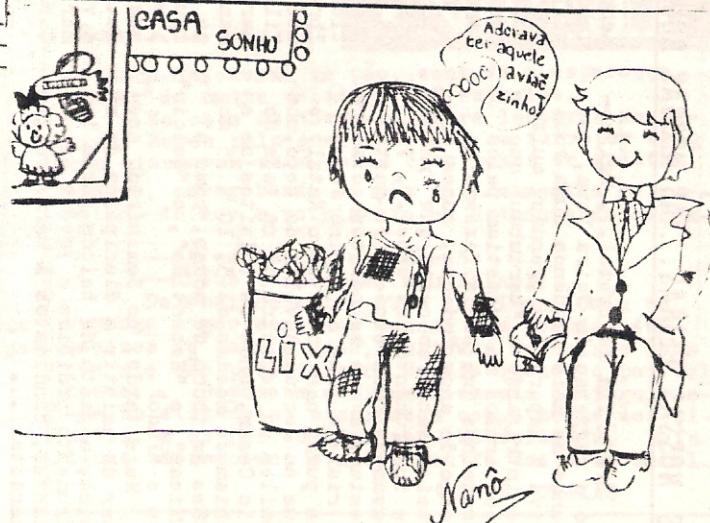
## ○ C.C.R.C. É O NOSSO CLUBE

Vendo o menino triste, o "ricalhaço" resolveu comprar-lhe o lindo avião.

O menino pobrezinho ficou tão contente, que nem agradeceu ao menino rico, e foi a correr contar ao irmão!...

Com esta pequenina história, espero que compreendam que devemos repartir aquilo que temos com os pobrezinhos.

ANA LEONOR (10 anos)



COMO VAI ESTE PAÍS...

Sóito que o grupo comandado por Zé Tenreiro nas romarias da zona era, de facto, de uma disciplina que jamais outras terras igualavam e dava-se oportunidade para observar. A sua voz fazia-se ouvir pelos recintos: "Carapito baixa os paus!"...

Nessa altura havia uma tradição que toda a gente aguardava com curiosidade: a volta à igreja. Os pastores juntavam o rebanho, punham-se à frente das maiores domes ticas orelhas (a "bonita" ou a "branquinha") e aceleravam o passo até o rebanho formar uma longa fila, correndo... correndo... só parando ao forte assobio do "comandante", que, ao deixar o adro, as encaminhava para a Praça, onde, igualmente, se repetia a cena, mas à volta das bancas dos vendedores, que se viam afilhos com a poeira. Paganismo ou costume popular, a verdade é que essa forma de romaria, comum a muitos povos de origem germânica, é muito antiga.

Rumento proibido à Juventude e candidatos à carreira sacerdotal.

S ROMARIAS — Com Fátima a entrar no campo das peregrinações, con- virá realizar o que foram, em tem- pos, as nossas romarias.

S. Pedro de Verona, para os ca- pitenses, era a mais festiva. Logo pela manhãzinha, chegavam as noceiras com os biscoitos, as gar- fadas de capilé, os "beijinhos", os relógios e as "Nossas Senhoras" reitos de açúcar, que faziam as felicidades da petizada. Antes da missa chegavam os votos de Quei- ziz, Eirado, Penaverde e Maceira, dando à povoação um cariz dos di- ssolenes. Os típicos arcos, er- eiados com verduras e flores, eram decoração tradicional e por baixo deles passava a procissão. Nesse dia as casas dos "regar- ões" enchiam-se de amigos de ou- ras terras, que vinham cumprir promessas ou à feira do Calvário, prometendo os mais reinados para "dar ao pé" e beber uns "ca-

Era o fim da festa!... "Tal como o regresso da Feira Nova, que aninha os mais pequenos numa roda lhe espera das prendas, muito intrigando o "braionbau" que os irromps me prometiam pelos balhos que eu ia fazendo ao longo do ano. Todavia, nunca cheguei a saber ao certo que "raion" é instrumento era esse!... Faziam-me numa espécie de gaita. testas, a que melhor conhecia era rialejo (que o "Menino Jesus" punha nas botas pelo Natal) e que eu tocava à volta do cepo, nos bailes do Terreiro ou na loja de César, onde os bolsitões se enfiavam de moedas de 5, 10 e 25 tostões em troca de modas, como a "Milícias", o "Sebastião", o "Saloiro" ou o "Fado". Mais tarde, no Seminário, apesar de existir a disciplina de mútica, a gaita de beijos seria inservimento, proibido a jovens estudardorais, candidatos à carreira sa-

Santo Amaro (Curva e rulmâas);  
Santo Antônio (Lezíria), "Ascensão";  
(Ribeira), Senhora da Lapa, Santa  
Eufémia (Matanga e Celorico), Se-  
nhor dos Caminhos (Rãs), Senhora  
da Cabeça (Casal), Santa Águeda  
(Queiriz), Senhora da Assunção  
(Aguiar da Beira) e Senhora dos  
Remédios (Lamego) poderão ser, a-  
inda hoje, locais onde muitos ro-  
meiros se dirigem, mas a festa  
romaria que mais me marcou foi  
a de S. Brás (dcs Montes) — advo-

gado da sarganta.

Durante o ano iam-se arranjar-  
do paus de marmeleiro, de carva-  
lho e de urgueira, que quase sem-  
pre terminava numa moça (raiz).  
No dia 2 ou 3 de Fevereiro, logo  
pela madrugada, começava a reuni-  
ão de largas dezenas de homens,  
que se agrupavam, levando as suas  
"armas", qual pelotão de antarhó-  
preparado para a "guerra".

Segundo nos consta - a malta  
de Carapito, pelo seu bairrismo,  
pela sua coesão e quantidade, im-  
punha respeito. Dizia-se-nos, há  
tempo, uma velha testemunha do

Cont. na Pág. II do  
Suplemento

三

**N**ESTE PAÍS corre tudo num mar de rosas, como se a mensagem do MENINO que nasceu em BELÉM, há 2 000 anos, tivesse, finalmente, sido ouvida neste continente ocidental.

A CRISE terminou! OS HOMENS entendem -se! A POLÍTICA é transparente! Há só um cándido a PRESIDENTE DA REPÚBLICA! O CDS concorda com o GOVERNO e a PCP aplaude-o! OS SALARIOS subiram! OS PREÇOS dos produtos baixaram! OS TRABALHADORES aceitaram o aumento de horas de trabalho! Não há DESEMPREGO! Operários, camponeses, patrões e empregados sentem -se SATISFEITOS! Toda a gente tem CASA! HA PAZ nas ruas e nos estúdios! Não há FOME! Não há MISÉRIA! A IMORALIDADE acabou! Não há DROGA! A JUVENTUDE está satisfeita com o sistema de ENSINO! OS PROFESSORES aplaudem o ministro da EDUCAÇÃO! AS CADEIAS estão vazias! OS ASALTOS terminaram! Não há VIOLENCIA! A TELEVISÃO agorada a todos! OS IMPOSTOS foram abolidos! AS ESTRADAS não têm buracos! NOS HOSPITAIS não poucos doentes e estes são bem tratados! AS PENSÕES DE REFORMA contentam idosos e inválidos! A CEE fechou PORTUGAL de braços abertos! A AGRICULTURA saiu do marasmo em que se encontrava! A ROSSIA e a AMÉRICA ajudaram-nos desinteressadamente! PORTUGAL tem boas relações com ANGOLA E MOÇAMBIQUE! Não há POLLUIÇÃO! A PROSPERIDADE é evidente! A D. BRANCA pagou a toda a gente! OS PORTUGUESES espalhados pelo MUNDO têm, agora, condições para regressar à SUA TERRA!

A pesar do INVERNO, o tempo é de PRIMAVERA! O CÉU ESTÁ AZUL e HA FLORES por todo o lado!  
Finalmente... HA AMOR ENTRE TODOS OS HOMENS!!!!!!

(Qualquer semelhança deste texto com a realidade, é pura coincidência...) Foi

"PROCTOR FOUNTAIN"  
um sonho!...)

# COLABORAÇÃO

## " O CHICO REZINGÃO "

Ora cá está o Caruspinus a funcionar como Tribuna dos nossos leitores; como meio de comunicação, de diálogo. Entre outras coisas, é também este um dos seus objectivos. Pena é que a maior parte tenha preferido, pelo menos até aqui, a intriga, o silêncio, a crítica velada e destrutiva. CARUSPINUS está aberto a todos.

Fiquem com a resposta ao "Chico Rezingão".

## RESPOSTA A UM AMIGO

"Estimados leitores do Caruspinus, no último jornal vinha um artigo, feito numa entrevista realizada pelo nosso amigo colaborador, o Sr. Afonso Tenreiro, ao Sr. Chico Rezingão. Facto que me descontenta visto ele ser nosso conterrâneo, e não querer dar o seu nome próprio, mas sim um lindo apelido como o de Chico Rezingão.

Pergunto eu se esse Sr. será um emigrante, que habita numa grande cidade da Europa como por exemplo Paris ou Bruxelas, ou será ele um indivíduo que nunca saiu de Portugal, para ver o gosto com que se trabalha no estrangeiro, para depois saber o gosto que cada um tem na sua casa.

Muito gosta ele de visitar os seus familiares comer o saboroso queijo de ovelha e o apetitoso presunto, mas enjoca ver o estrume na rua. Não saberá ele talvez que quando deixar de haver estrume na rua, talvez já não haja tanto queijo nem tanto presunto.

Uma coisa essa é certa podia estar tudo mais limpo, mas se calhar o nosso amigo só repara no lixo, mas não pega numa giesta para o varrer, pois pode ele sujar as mãos.

Diz ele que gosta da sua terrinha que até admite passar lá a sua velhice.

Pois até poderá ele inaugurar o cemitério novo uma vez que ninguém para lá quer ir. Coisa que eu não acredito, talvez ele antes deixe em testamento que quer ser enterrado no velho e que lhe ponham, também uma placa por cima de tantas outras, mas com fotografia, para quando as outras pessoas passarem e olharem, ainda se recordarem dele.

Ainda bem que já se deixaram de ver os picanços que alguns agricultores já tenham carro à porta, que tem um clube organizado, que a gente já não anda descalça, que este ano as ramagens e a madeira desapareceram da praça que tem electricidade, telefone, e o mais importante, já têm pastilhas elásticas.

Pois então digo se não fosse isso, e tão hospitaliros então sim estariamos na idade média".

(um leitor do Caruspinus devidamente identificado)

## cantinho do leitor

## EXEMPLO DE UMA CARAPITENSE

Os nossos leitores começaram, de facto, a interessar-se mais pelo nosso jornal e pela nossa terra.

Vejam só a proza e os versos que se seguem, que transcrevemos na íntegra, tal como nos chegaram às mãos, com poucas vírgulas e apenas um ponto final.

"Sou sobrinha de Clarinda Caseiro filha de Maria Amélia e como a minha mãe não tinha Caseiro os meus padrinhos tiveram a gentileza de não me pôr Caseiro ora eu sou Francelina Amélia, como apelido tenho Amélia, ninguém sabe o desgosto que tenho, nasceram três irmãos depois de mim e todos eles têm Caseiro para mim é triste ler no nosso jornal Caseiro para aqui Caseiro para acolá eu sou apenas Amélia, até parece que nem pertenço à família".

Sr<sup>a</sup> D. Francelina, o Caseiro e também Marques, que redige este pequeno apontamento sentiu-se tanto Caseiro como a senhora. Não poderei dizer que me senti mais Caseiro porque a maneira como a senhora o disse, no papel, a força e o empenho que mostrou nos versos que mandou, sinceramente, eu não seria capaz de o fazer. Sinto-o, mas não teria coragem para fazer o que a senhora fez. Não imagina o contentamento que senti, o gosto e o orgulho que me invadiu em ser Caseiro e ter nascido em Carapito.

A D. Francelina é conhecida de todos os Carapitenses, não necessita de mais apresentações. A feita por si chega. Mas é bom ouvir directamente de si este testemunho formidável de amor à nossa terra, de amor à própria família. Que o seu exemplo frutifique.

Como nota pessoal, acrescento que, segundo me informaram, a Sr<sup>a</sup> D. Francelina Caseiro atravessou Lisboa, de ponta-a-ponta, para depositar nas mãos de um nosso colaborador, a sua missiva, os seus versos cheios de ternura, embora simples, e ainda o donativo de 1.000\$00 para o jornal, apesar de no Verão ter pago duas assinaturas (a própria e a de um familiar) com outros 1.000\$00.

D. Francelina, de seguida, são publicados os seus lindos versos. Mande mais porque é isto que nós todos, Carapitenses, queremos e desejamos. E até por outro motivo: o jornal também é seu, não é nosso.

Não é um reparo que estou a fazer, por a senhora ter utilizado o termo "nossa" na sua carta.

Quem escreve o que escreveu e o modo, o motivo por que escreveu, sente que o jornal também é seu. E assim é de facto. O jornal é de nós todos. Pena é que haja muita gente que ainda não comprehendeu isso.

A D. Francelina termina enviando "respeitosos cumprimentos e votos pelo bem de Carapito".

O nosso muito obrigado, os nossos cumprimentos.

Em nome do jornal e dos seus colaboradores e em meu nome especial, um seu parente também, embora um pouco afastado, votos de um Natal Feliz e um Ano Novo cheio de muitas felicidades.

António Francisco Caseiro Marques

I

II

Ao menos no seu jornal  
Não poderei Caseiro ter?  
Que contente eu ficaria  
se nele Caseiro eu pudesse ler. Ter nascido em Lisboa.

III

IV

Sempre que possa  
Carapito vou visitar  
Sinto-me feliz  
Com esse povo falar.

Passei lá três dias  
Uma amiga levei  
Ela ficou encantada  
Com aquilo que lhe mostrei.

V

VI

Subimos ao Calvário  
Ela tudo admirou  
Diz ela: aldeia limpa  
Simpático povo comigo falou

Sei que lutam  
Para Carapito melhorar  
Eu sempre que possa  
Alguma coisa quero dar.

VII

VIII

Fico na esperança  
Um dia isso poder ver  
Quem sabe se um dia  
Aí irei morrer!

IX

Encontro esta minha carta  
Com muitas saudades  
Desejo para Caruspinus  
Muitas e muitas felicidades.

Deixemo-nos de tristezas  
Mil escudos eu vou mandar  
E sempre que possa  
comigo podem contar

Francelina Amélia Caseiro Marques.

# A QUADRILHA DO DESERTO

ISTO É SÓ A  
AMOSTRA!

NÃO!

CÓCEGAS,  
NÃO!

AH!  
AH!

AH!

AH! AH! AH! AH!  
AH! AH! AH! AH!

ISTO É TÃO  
DIVERTIDO  
LÁ! LÁ!

AH!  
AH!

AH!

ESTÃO A  
DIVERTIR-SE,  
ENQUANTO

SUA GALINHA CHOCADA!  
DEFICIENTE MENTAL!  
CABEÇA DE URSO!  
CARA DE PALHAÇO!

AH! AH! AH!

AI  
COS...

KASSAM VAI  
A CEIA; VÊ  
NÃO TE  
DEMORAS.

VOU JAÍ,  
CHEFE!

ALGUM TEMPO DEPOIS...

CHEFE! HÁ?

O TIPO DESMAIOU  
A RIR!

PUDERA,  
PARAMBAI

JAÍ A MEIO DA NOITE,  
ENQUANTO A QUADRI  
LHA DORME AO RELEN  
TO, HABU BAKA (O CA  
MIONISTA) DEPOIS DE  
RECUPERAR OS SENTI  
DOS, VÊ-SE METIDO  
NUMA GUERRA CONTRA  
OS MOSQUITOS...

BZZZZZ  
BZZZZZ  
B.Z.Z.Z.Z.

QUE RAIVA!  
ESTOU TODO AMARRADO  
E NÃO ME CONSIGO  
MEXER.

MALDI  
BICHARAO

MALVADOS  
CAVALOS PEÇONHENTOS  
QUE SÓ TRAZEM ESTA  
@#%\$ f DE MOSQUITOS  
COM ELES...